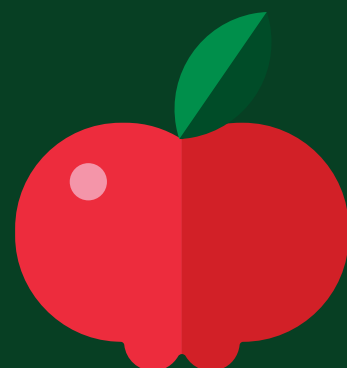
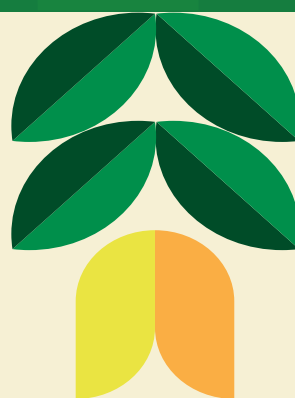
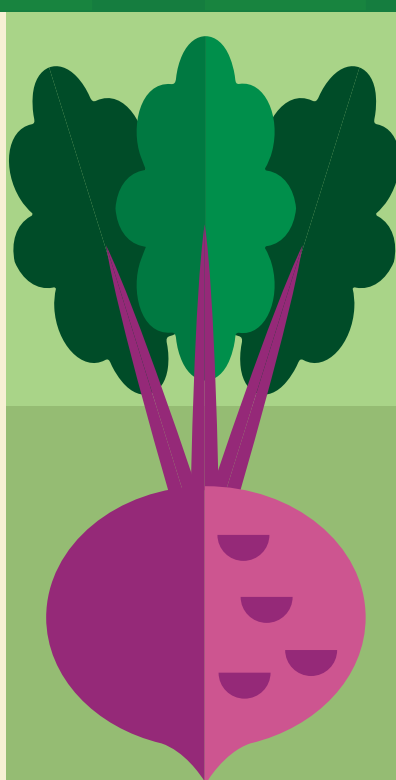
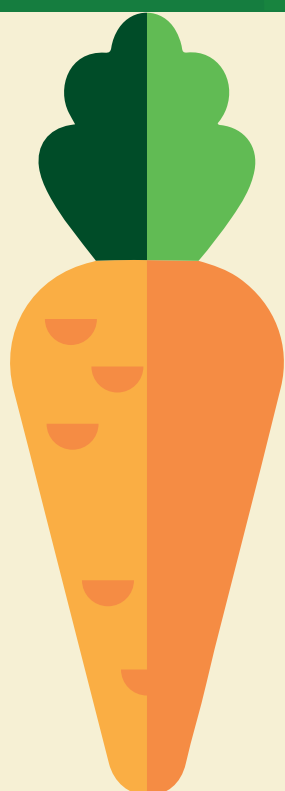


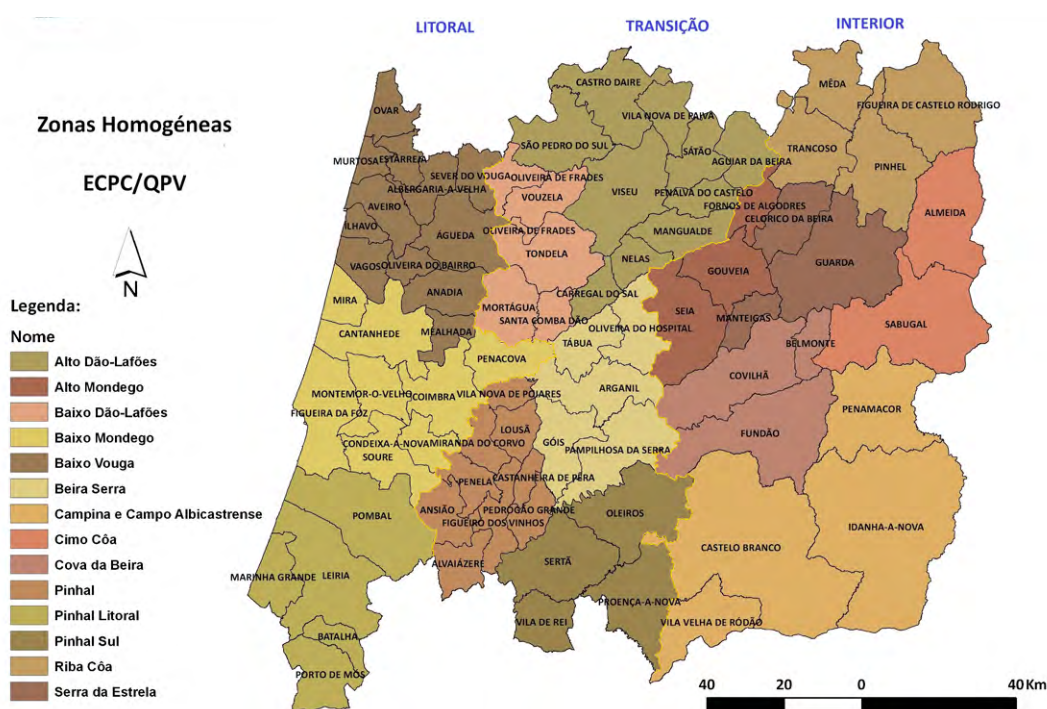
Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola



NOTA PRÉVIA

O relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas (ECPC) está integrado na operação “Estatísticas da Produção Vegetal”, sob a coordenação do Instituto Nacional de Estatística (INE). Recolhe e processa informação de carácter previsional relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas distribuídas pelas 14 Zonas Homogéneas da região Centro agregadas em 3 grandes zonas: Litoral (Baixo Vouga, Baixo Mondego e Pinhal Litoral), Transição (Alto Dão Lafões, Baixo Dão Lafões, Pinhal, Beira Serra, Alto Mondego e Pinhal Sul) e Interior (Serra da Estrela, Riba Cõa, Cimo Cõa, Cova da Beira e Campina e Campo Albicastrense).



A informação descritiva e quantitativa é recolhida para os principais grupos de culturas, nomeadamente, cereais de praga, cereais de primavera/verão, batata, leguminosas secas, culturas industriais, frutos frescos, citrinos, frutos secos, vinha, olival.

O ECPC constitui uma das fontes privilegiadas para o estabelecimento da informação das estatísticas oficiais da produção vegetal, base para índices de volume das Contas Económicas da Agricultura, assim como sustenta o acompanhamento e monitorização da situação de seca no âmbito da Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca.

Os relatórios mensais são enviados ao INE (entidade coordenadora) e Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP), e publicados no portal da [CCDR Centro](#).

O Instituto Nacional de Estatística (INE) sistematiza e disponibiliza a informação recolhida a nível nacional publicando o [Boletim Mensal de Agricultura e Pescas](#) e um destaque para a comunicação social.

ÍNDICE

1 - Estado do tempo e sua influência na agricultura.	4
2 - Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.	6
3 - Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.	8
4-c - Variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior e estado vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira Outono-Invernal.	11
5-e - Culturas arbóreas e arbustivas: estado vegetativo; nomeadamente vinhas, pomares e olivais: estado vegetativo; floração e vingamento do fruto.	13
6-b - Sementeira de Primavera nomeadamente quanto às culturas de batata de regadio, milho, arroz, grão-de-bico, feijão, tomate (para indústria) e girassol: como decorreram; como germinaram; variação das áreas semeadas ou plantadas relativamente ao ano anterior; motivos de variação, caso se tenha verificado.	19
9-b - Estado vegetativo das culturas de batata de sequeiro.	24



1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, o mês de maio, pautou-se por um clima bastante instável, com temperatura mínima média acima dos 10,3°C e temperatura máxima média de 27,7°C, resultando uma temperatura média diária de 16,1°C. O mês iniciou-se com temperaturas baixas e pluviosidade intensa acompanhada com trovoadas e granizo, e de vento forte, mais localizado no interior; ao longo deste período as temperaturas foram oscilando consideravelmente finalizando com temperaturas muito elevadas (acima dos 25°C nas zonas interiores) resultado de onda de calor vinda de África e escassa precipitação. Estas condições afetaram negativamente a frutificação das vinhas, assim como da floração das pomóideas, prunóideas e citrinos e olivais.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, o mês de maio caracterizou-se por temperaturas amenas, por pequenas amplitudes térmicas e pouca pluviosidade de cerca de 56,4mm. Destaque para o abrupto aumento das temperaturas que se verificou a partir de dia 20 de maio, que chegaram a atingir 38°C. As condições meteorológicas registadas favoreceram igualmente o bom desenvolvimento vegetativo das culturas, no geral, assim como permitiram realizar os trabalhos agrícolas para preparação dos solos e efetuar as sementeiras dos cereais de primavera-verão; fazer as colheitas dos cereais de outono-inverno; efetuar os cortes para silagem e/ou fenação. A 15 de maio, ficaram

concluídas as obras de reparação do dique do Mondego e do Canal Condutor Geral, estando restabelecido o abastecimento de água, para a rega das culturas no Baixo Mondego. Devido ao colapso do dique na margem direita do rio Mondego em março, a força das águas arrastou toneladas de sedimentos do leito do rio para cerca de 50 ha de campos agrícolas, que ainda não foram removidos impossibilitando os trabalhos agrícolas e as próprias sementeiras.

No Pinhal Litoral, a precipitação registou uma distribuição irregular ao longo do mês, com ocorrência de chuva durante a primeira quinzena e condições predominantemente secas na segunda metade do mês, culminando num período de temperaturas acima da média para a época no final do mês. O mês foi ainda caracterizado por vários períodos consecutivos de precipitação, que originaram um elevado número de horas de folha molhada. Estas condições, associadas a temperaturas relativamente elevadas, criaram um ambiente favorável ao desenvolvimento e propagação de diversas doenças fúngicas, exigindo um acompanhamento fitossanitário mais rigoroso e a realização de tratamentos preventivos nas culturas mais suscetíveis. A cultura do milho está com bom desenvolvimento vegetativo e encontra-se na fase crescimento de milho Joelheiro. A vinha encontra-se no estado de bago de chumbo a passar para o estado seguinte de bago de ervilha. A nível fitossanitário constatou-se um ataque involuntário de Botritis enquanto que o mildio se manifestou de forma controlada. O olival está com bom desenvolvimento estando o crescimento do fruto na fase de “grão de pimenta”. Em relação às pomóideas os

crescimentos vegetativos estão muito vigorosos devido à chuva intensa do início desta primavera. As macieiras como tiveram uma floração extensa, escalonada, nesta fase as árvores já têm fruta, mas de 3 calibres. Em termos fitossanitários, o principal constrangimento continua a ser o fogo bacteriano, que se mantém presente nos pomares da região. Apesar das condições globalmente favoráveis verificadas este ano, nomeadamente ao nível do número de horas de frio acumuladas e da precipitação registada, que poderiam apontar para um aumento da produção, não se prevê que tal se venha a concretizar nas macieiras devido ao impacto negativo do fogo bacteriano. Assim, estimam-se níveis de produção semelhantes aos registados no ano anterior. Relativamente às pereiras, é expectável que as boas condições de rebentação, a maior intensidade de floração e os melhores níveis de vingamento se reflitam positivamente na produção. Nesta espécie, a antecipação da floração contribuiu para atenuar os efeitos negativos do fogo bacteriano, perspetivando-se, por isso, uma melhoria da produtividade face ao ano anterior.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o mês teve uma primeira fase de alguma instabilidade, marcada por curtos períodos de precipitação. No último terço do mês deu-se uma subida acentuada das temperaturas (o maior pico de temperatura do presente ano), com máximas superiores a 30°C e com noites amenas. Este período teve como consequência o aumento da dotação de rega, essencialmente nas hortícolas ou em plantações recentes. A vinha segue o estado fenológico de alimpa ou bago de chumbo, tendo os viticultores necessitado de um controlo rigoroso a nível fitossanitário devido à maior instabilidade climatérica do início do mês. Algumas operações culturais já decorreram, tais como desladramento e a orientação dos lançamentos para o meio dos arames duplos. O olival segue no estado fenológico de frutos em crescimento. Em olivais não tratados, vão-se fazendo sentir o impacto de algumas doenças – cercosporiose e sobretudo olho de pavão, com alguma desfolha e conseqüente enfraquecimento das árvores. Ainda assim, em geral, o vingamento parece ter sido positivo, criando expectativa de boa produção, tendo em conta que é um ano de contra-safra – 2025 foi um ano de produção excepcional. Já se iniciou o corte de fenos para enfardamento.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, nos primeiros 20 dias de maio o tempo esteve instável; dias chuvosos, alternados com dias secos e ventosos, com cerca 40 mm de pluviosidade. A partir de 20 as temperaturas subiram abruptamente para valores típicos de julho. O tempo que agora ocorre é muito favorável a um bom vingamento do fruto no olival que se encontra em plena floração.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, o mês de maio caracterizou-se pela ocorrência de temperaturas normais a ligeiramente baixas, vento moderado, precipitação por vezes com intensidade forte e trovoada em alguns locais, essencialmente na primeira metade do mês. Na segunda quinzena, verificou-se uma melhoria gradual, com subida progressiva das temperaturas máximas, e um final de mês mais seco e quente. Na vinha, a chuva e a elevada humidade favoreceram o crescimento vegetativo, mas aumentaram significativamente o risco de mildio e, em menor grau, de oídio, sobretudo na primeira metade do mês. No olival, a humidade persistente dificultou alguns tratamentos fitossanitários, verificando-se o olho-de-pavão. Em relação às pomóideas e prunóideas, foram beneficiadas pela humidade, mas aumentou o risco de fungos e problemas sanitários. As culturas forrageiras de sequeiro e prados foram as mais beneficiadas, apresentando um forte crescimento, boa regeneração das pastagens naturais e forrageiras, melhorando a disponibilidade alimentar para o gado, embora, em alguns locais tenha havido estagnação do crescimento e até mesmo morte das plantas, devido ao excesso de humidade no solo.

No Pinhal Sul, a ocorrência de precipitação distribuída ao longo da primeira quinzena do mês beneficiou significativamente as culturas de sequeiro, permitindo a recuperação de algum crescimento.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, houve algumas alterações no estado de tempo este mês, choveu bastante e subiram as temperaturas. Este estado de tempo beneficiou o

desenvolvimento da maioria das culturas, mas potenciou o aparecimento de pragas e doenças que se desenvolveram devido às diferenças de temperaturas verificadas.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, a precipitação ocorreu principalmente na primeira quinzena e foi inferior aos valores correspondentes a maio de 2025, em 2,7 mm/m² e superior em 41,64 mm/m², respetivamente na Serra da Estrela e na Cova da Beira. A precipitação ocorrida principalmente na segunda semana do mês, com valores por m² que em certas zonas quase duplicaram os valores registados em igual período do ano transato, permitiu a reposição da humidade no solo nas zonas mais altas, assim como a manutenção das pastagens de sequeiro pastoreadas. Quanto aos fenos, somente permitiu alguns crescimentos em zonas onde a fase de espigamento estava atrasada.



Fig. 1 - Paisagem (Cortiço da Serra - Serra da Estrela).

Na Campina e Campo Albicastrense, durante as três primeiras décadas o mês teve temperaturas normais para a época, elevadas na quarta década. Na transição da primeira para a segunda década houve um período de cerca de 4 a 5 dias com chuva que melhorou o estado vegetativo das pastagens e forragens de outono/inverno mais atrasadas, bem como, as forrageiras de primavera/verão, mas, pelo contrário prejudicou a produção das variedades precoces de cereja.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de maio em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura e de outros Organismos instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de maio.

2 - Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

De um modo geral não foram registados problemas fitossanitários significativos ao longo do mês, sendo exceção os seguintes casos:

- Na zona homogénea do pinhal litoral, verificou-se a necessidade de realizar alguns tratamentos fitossanitários preventivos para fungos, devido à elevada quantidade de água existente no solo, à precipitação na primeira parte do mês. Estas condições originaram um número elevado de horas de folhas molhadas o que favoreceu o desenvolvimento e propagação de doenças
- No Pinhal (zona de transição), os viticultores já efetuaram no mínimo 2 tratamentos fitossanitários, de modo a manter a sanidade da cultura. A primavera amena e chuvosa tem criado condições para o aparecimento de focos de míldio e black-rot (que se desenvolve com temperaturas mais altas, comparativamente ao míldio). Nos olivais o olho-de-pavão vai marcando presença (tal como a cercosporiose), provocando desfolha e enfraquecimento das árvores.
- Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra (zona de transição), a instabilidade de tempo obrigou à realização de tratamentos na vinha, pomares, olivais e batatais. De uma forma geral os tratamentos realizaram-se, não sendo notórios prejuízos causados nas culturas, exceto no olival da região do Alto Mondego, onde bastantes olivais parecem ter sido abandonados.
- Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa (zona de interior), devido à instabilidade atmosférica, fazem-se com alguma intensidade tratamentos, principalmente na vinha, pomóideas e prunóideas, nomeadamente contra o míldio e oídio.

Na região Centro, continuam em curso os tratamentos fitossanitários preventivos nas diversas culturas habituais para a época do ano.

Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de maio para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de actuação da CCDR Centro, foram:

Batateira – míldio.

Castanheiros – vespa-das-galhas-do-castanheiro (*Dryocosmus kuriphilus*).

Citrinos – afídeos [afídeo-verde (*Aphis spiraecola*) e afídeo-cinzento (*Aphis gossypii*)]; piolho-negro (*Toxoptera citricidus*).

Olivais – olho-de-pavão; cercosporiose; traça-da-oliveira (*Prays oleae*).

Pomóideas (macieiras, pereiras) – fogo-bacteriano (*Erwinia amylovora*); pedrado; bichado; Cochonilha-de-São-José; afídeos verde e cinzento; aranha-vermelha; psila-da-pereira.

Prunóideas (pessegueiro/cerejeira/outras) – pessegueiros – lepra; anársia (*Anarsia lineatella*); oídio; afídeo-verde; **cerejeiras** – moniliose (*Monilinia sp.*); mosca-da-asa-manchada (*Drosophila suzukii*) e mosca-da-cereja (*Rhagoletis cerasi*).

Vinha – míldio; oídio (*Erysiphe necator*); podridão-negra (*Black-rot*); podridão-cinzenta; traça-da-uva; erinose; medidas culturais.

Queda de granizo – recomendações de actuação.

Informação Fitossanitária – Autorização Excecional de Emergência N.º 2026/24 – Autorização excecional de emergência N.º 2026/24 – Art.º 53 do Regulamento (CE) n.º 1107/2009, de 21 de outubro, para

utilização de produtos fitofarmacêuticos no controlo de potenciais vetores da bactéria *Xylella fastidiosa* em plantas hospedeiras, no contexto do Plano de contingência para a *Xylella fastidiosa* e seus vetores.

Informação Fitossanitária – A bactéria depende de insetos vetores para se disseminar e a presença contínua destes insetos obriga a controlo anual, mesmo em zonas sem deteção recente. Existem atualmente duas zonas demarcadas delimitadas no distrito de Leiria, onde foi detetada a presença da bactéria: Zona demarcada de Marrazes (concelho de Leiria) – Despacho n.º 52/G/2026, de 18 de fevereiro – Atualização da Zona Demarcada de Marrazes para *Xylella fastidiosa*; e a Zona demarcada de Monte Redondo (concelho de Leiria) – Despacho n.º 45/G/2026, de 16 de fevereiro – Atualização da Zona Demarcada de Monte Redondo para *Xylella fastidiosa*. A DGAV emite Autorizações Excepcionais de Emergência (AEE) para permitir o uso temporário de inseticidas contra vetores da *Xylella*, como forma de conter a dispersão da doença.

Informação Fitossanitária – Despacho Nº 69/G/2026 – Manutenção das zonas demarcadas em erradicação para a doença da Flavescência Dourada (Grapevine flavescence dorée phytoplasma) e atualização da lista de freguesias onde o inseto vetor *Scaphoideus titanus* Ball está presente, com indicação do nº de tratamentos obrigatórios, face ao risco de disseminação da doença.

3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a humidade que ainda se mantém no solo associada a temperaturas médias baixas e/ou amenas, promoveu um bom crescimento das pastagens de sequeiro, assim como, dos prados e pastagens permanentes espontâneas permitindo o pastoreio direto e diminuição dos custos de produção. Está a terminar a colheita das culturas forrageiras de outono-inverno, com produções inferiores ao ano anterior em termos de quantidade, mas idêntica às do ano anterior em termos qualitativos. Já se iniciou a sementeira do milho de sequeiro, prevendo-se uma área idêntica ao do ano anterior. Nas espécies pecuárias, recorre-se em grande parte ao pastoreio direto para a sua alimentação, complementada com fenos e palhas (cerca de menos 20% que em igual período do ano anterior).

No Baixo Mondego, estas culturas apresentam um bom desenvolvimento vegetativo. As culturas forrageiras encontram-se na fase de espigamento, algumas permitem o corte para silagem e outras mais avançadas o corte para fenação. A alimentação do efetivo pecuário, continua a ser predominantemente de matéria verde proveniente das culturas forrageiras em verde ou fenadas, palha, silagem de milho e adequados arraçoamentos.

No Pinhal Litoral, os prados e as pastagens apresentam um bom desenvolvimento vegetativo, apresentando uma altura de colmo muito boa. Desempenhando um ótimo contributo na alimentação animal.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, já se iniciou o corte de fenos para enfardamento.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, a chuva ocorrida a espaço durante o início do mês, bem como as temperaturas amenas, tiveram um impacto positivo nas pastagens e prados, que mostram um notório crescimento, mas já não valeram de muito às forrageiras, que estão com uma quebra de produtividade relativamente ao ano passado. Dado que se aproxima o fim do alavão e estando os pastos com boas produções o consumo de fenos e concentrados reduz-se ao essencial.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as condições meteorológicas verificadas ao longo

do mês, essencialmente, precipitação frequente, temperaturas moderadas e elevada humidade do solo, proporcionaram um crescimento vegetativo intenso destas culturas. No Alto Dão-Lafões, com temperaturas mais baixas e humidade atmosférica mais persistente, o crescimento da vegetação apresentou-se mais lento, mas com boa densidade vegetativa. Já no Baixo Dão-Lafões, as condições mais amenas permitiram maior crescimento das gramíneas e leguminosas forrageiras. Os prados de regadio mantiveram bom estado vegetativo durante praticamente todo o mês, beneficiando da disponibilidade hídrica natural. Estas condições contribuíram para maior disponibilidade e qualidade de forragem verde, melhorando o pastoreio direto e reduzindo parcialmente a necessidade de suplemento alimentar face ao mesmo período do ano anterior. Apesar da boa produtividade vegetal, a precipitação e humidade dificultaram o corte e a secagem de fenos, condicionando a produção e conservação de forragem seca em algumas explorações. Comparativamente ao mesmo período do ano anterior, verificou-se a mesma área, mas maior disponibilidade de alimento verde nas explorações.

No Pinhal Sul, a produção de forragens está a ser muito heterogénea. Nalgumas zonas onde a produção de aveia foi boa, o feno já foi cortado. E haverá fenos de qualidade (figura 2). No entanto, noutras zonas as forragens de outono-inverno tiveram pouco crescimento e serão desviadas para pastoreio. Observa-se que nas consociações a aveia não vingou (figura 3).



Fig. 2 - Feno de aveia (Portela-Oleiros).



Fig. 3 - Consociação aveia*azevém (Cernache do Bonjardim).

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estas culturas apresentam um bom estado vegetativo, principalmente as pastagens de sequeiro e as permanentes pobres. Não se recorre muito a forragens armazenadas. De momento, os suplementos são praticamente utilizados na criação do efectivo de engorda.

Nas zonas homogêneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, os prados e as pastagens permanentes espontâneas de sequeiro e as culturas forrageiras e pratenses temporárias de sequeiro, vieram beneficiar com a precipitação ocorrida na primeira quinzena deste mês. No entanto, as temperaturas elevadas registadas ao longo da segunda quinzena do mês e a quase ausência de precipitação tem provocado a antecipação da maturação das espécies pratenses e forrageiras dando eventualmente origem a pastagens com menor quantidade de massa forrageira e a forragens com menos grão e palhas curtas.



Fig. 4 - Campo de consociação forrageira para feno (Ferro - Cova da Beira).

Por outro lado, as pratenses e as forrageiras de regadio, apresentaram melhores acréscimos de matéria verde uma vez que beneficiaram da temperatura mais elevada e da humidade necessária ao seu bem desenvolvimento. Este mês verificou-se uma utilização normal de alimentos conservados ou rações, relativamente ao mesmo período do ano transato. Nos animais com vocação produtiva de leite ou de engorda, continua-se a recorrer ao uso de rações e de outros alimentos conservados, nas quantidades habituais.



Fig. 5 - Prado regadio (Ferro - Cova da Beira).

Na Campina e Campo Albicastrense, a produção das pastagens e forragens está aquém do normal e também do valor do ano anterior. O longo e intenso período de chuvas provocou asfixia radicular, originando a morte das plantas afetadas. A título de exemplo, nalgumas consociações de aveia x azevém, apenas é visível o azevém porque a aveia perdeu-se por asfixia radicular (figura 6).



Fig. 6 - Sementeira de aveia x azevém em que apenas o azevém vingou.

Posteriormente, a fraca precipitação dos meses de março, mas sobretudo de abril, associada a temperaturas médias mais altas comparativamente a igual período do ano anterior, também contribuíram para a diminuição da produção. Para além da constituição das reservas de fenos serem inferiores às do ano anterior as condições de pastoreio também são piores. Continuam as sementeiras das culturas de primavera/verão, com algumas já germinadas e outras semeadas, mas não germinadas.

4-c - Variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior e estado vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira Outono-Invernal.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a queda regular da pluviosidade ao longo do outono/inverno, conjugada com o surgimento dos dias mais secos, maior luminosidade e temperaturas mais elevadas, possibilitaram a recuperação do atraso vegetativo das culturas cerealíferas, nomeadamente nas instaladas em terrenos mais altos e menos saturados com água e excesso de humidade, no entanto, estima-se uma queda acentuada na sua produtividade fruto das intemperes, assim como, uma diminuição das áreas semeadas relativamente ao ano anterior.

Nas zonas homogéneas do Baixo Mondego e Pinhal Litoral, estão a decorrer as colheitas das culturas cerealíferas de outono-inverno. Houve uma diminuição das áreas semeadas em relação ao ano transato, devido às condições adversas registadas, aquando da época das sementeiras destas culturas.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as culturas cerealíferas foram abafadas por infestantes e afilharam mal, devido ao encharcamento dos solos, estão agora na fase de enchimento do grão, esperando-se uma drástica baixa de produtividade.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, estas culturas apresentam bom estado vegetativo, mas com variações. Em locais onde foi permitido fazer a sementeira mais cedo e as temperaturas foram ligeiramente mais elevadas, estão, maioritariamente, na fase de enchimento do grão e início de

maturação. Em relação aos locais onde as temperaturas foram mais baixas e houve maior humidade, nomeadamente, no Alto Dão Lafões, as culturas estão mais atrasadas, com o enchimento do grão e há locais onde ainda estão em floração. A área semeada mantém-se idêntica ao ano anterior; porém, alguns agricultores, nomeadamente da região do Alto Dão Lafões, referem que futuramente ponderam substituir algumas áreas de sequeiro por pastagens ou culturas forrageiras.

Na zona homogénea do Pinhal Sul, as culturas cerealíferas que foram semeadas mais tarde conseguiram recuperar o pouco crescimento com as últimas chuvas. Poderão ainda ter boa produção. As áreas são semelhantes às do ano anterior.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estas culturas apresentam um bom aspeto vegetativo, sendo as áreas sensivelmente as mesmas do ano anterior.

Tanto na Cova da Beira como na Serra da Estrela, as sementeiras outono-invernais, terminaram em março, devido às condicionantes climáticas ocorridas. A pluviosidade ocorrida apenas veio beneficiar algumas culturas de cereal efetuadas mais tarde que ainda não tinham espigado e que ocupam as terras mais baixas. Os semeados anteriormente, sofreram os efeitos do excesso de água. De um modo geral, a produtividade poderá ser afetada, relativamente ao ano anterior. A variação das áreas não é significativa.

Na Campina e Campo Alcastrense, devido às condições climatéricas adversas, primeiro com chuva em excesso durante um longo período de tempo, e posteriormente com pouca chuva sobretudo em abril, perspectiva-se diminuição da produção relativamente ao normal e também ao ano anterior. Há muitas infestantes, espigas curtas e o tamanho de grão é pequeno (figura 7). Por isso, em certas áreas, as culturas estão a ser ceifadas para depois de secas serem enfardadas em fardos de feno, com a consequente diminuição da área com cereais. Devido ao condicionamento do pastoreio (menos pasto) áreas de cultura que estavam destinadas a grão também foram pastoreadas pelos efetivos pecuários. A palha também está mais baixa, com consequente diminuição da produção deste subproduto.



Fig. 7 - Centeio onde são visíveis infestantes e espigas curtas.

5-e – Culturas arbóreas e arbustivas: estado vegetativo; nomeadamente vinhas, pomares e olivais: estado vegetativo; floração e vingamento do fruto.

• Pomares de Castanheiros e outros frutos secos

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os castanheiros encontram-se no estado fenológico Fm - aparecimento dos estames nos estaminados.

• Pomares de Citrinos

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os citrinos encontram-se com boas características, estando assegurada a normalidade da qualidade e quantidade, sendo de referir que a sua produção está confinada a pomares de cariz familiar e é destinada uma grande parte ao autoconsumo.

• Pomares de Kiwis

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os pomares de kiwis encontram-se na fase de floração com um bom vingamento do fruto (fase de botões florais).

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os kiwis encontram-se no estado fenológico K - plena floração.

No Pinhal Sul, a cultura do kiwi está em floração, que não parece ser abundante (figura 8).

Fig. 8 - Kiwi em floração (S. Torcato - Oleiros).



- **Pomares de Pequenos Frutos (mirtilo, ...)**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os pomares de mirtilos na zona de Sever de Vouga já se encontram na fase de colheita com produto de qualidade e quantidade superior à última campanha, resultado de condições climatéricas primaveris que trouxe um maior número de horas de frio, o que influenciou positivamente o vingamento, estimando-se produtividades de 7-8 ton/ha, contudo, em alguns locais surgiram problemas de podridão-cinzenta.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os mirtilos encontram-se no estado fenológico J - Início do pintor, e o número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado é semelhante.

Nas **zonas do interior**, quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, os mirtilos encontram-se em fase de produção. Prevêem-se produtividades superiores em cerca de 40%, relativamente ao ano anterior, com bons calibres, em ambas as zonas homogéneas (figura 9).



Fig. 9 – Plantação de Mirtilos (Carvalheda - Serra da Estrela).

- **Pomares de Pomóideas**

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as macieiras encontram-se no estado fenológico J - fruto em desenvolvimento, sendo notório um menor número de frutos por árvores relativamente ao ano passado; as pereiras encontram-se no estado fenológico J - fruto em desenvolvimento, sendo notório um maior número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado. Quanto aos marmeleiros encontram-se no estado fenológico H - fruto vingado, o número de frutos por árvore é semelhante ao ano passado.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, nestes pomares, observou-se bom vingamento e desenvolvimento dos frutos, beneficiando da humidade do solo. Ainda assim, a persistência de humidade e a menor insolação favoreceram doenças fúngicas, como o pedrado-da-macieira, afídeos e aranha-vermelha e dificultaram algumas intervenções fitossanitárias.

No Pinhal Sul, as pomóideas encontram-se na fase de crescimento do fruto. Poderá ser ano normal para estas culturas.

Nas **zonas do interior**, quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, nas pereiras prevê-se uma produtividade normal da variedade *Rocha*, em ambas as zonas homogéneas e uma quebra de cerca

de 25% nas variedades *Ercolini* e *Abate Fetel*, na Cova da Beira. Nas macieiras aguarda-se um ano com produtividades normais para as regiões e espécie.

Na Campina e Campo Albicastrense, as pomóideas, sobretudo maçã aparentam ter maior produção que no ano anterior.

• Pomares de Prunóideas

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, quer os pessegueiros quer as ameixeiras encontram-se no estado fenológico I – frutos em crescimento, sendo notório um menor número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado; as cerejeiras encontram-se no estado fenológico J – início da maturação e é notório um maior número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado. As amendoeirias encontram-se no estado fenológico I – frutos em crescimento, sendo notório um maior número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, a maioria das cerejas ainda não se encontram totalmente maduras; embora as variedades mais precoces e os pomares situados no Baixo Dão-Lafões apresentavam crescimento final do fruto, mudança de cor, maturação inicial e colheita em alguns locais, contrariamente à zona do Alto Dão Lafões, onde as cerejeiras apresentam um ligeiro atraso, com enchimento do fruto e maturação ainda não completa. As previsões, no geral, são de aumento de produtividade em relação ao ano transato, embora, se tenha verificado quebras localizadas e diminuição da qualidade do fruto, devido à chuva intensa, trovoadas e saraiva, que provocou queda e rachamento do fruto.

No Pinhal Sul, a cereja apresenta, este ano, uma produção elevada. No entanto, em algumas zonas, as fortes chuvadas ocorridas provocaram quebras nas variedades de meia-estação. As variedades mais tardias, por sua vez, apresentam uma produção abundante, podendo compensar essas perdas. Relativamente ao pêsego prevê-se que haja quebra.

Nas **zonas do interior**, quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, os pessegueiros e nectarinas, assim como, as ameixas, encontram-se na fase de desenvolvimento do fruto, prevendo-se um ano com produtividade normal em ambas as zonas homogéneas. Nas cerejeiras, as variedades mais precoces e algumas das intermédias, situadas em pomares com exposição solar Sul na Cova da Beira ou situados a Sul da Gardunha, este ano com produtividades muito boas, ficaram fendilhadas em cerca de 60% devido à pluviosidade ocorrida, perdendo todo o seu valor comercial (figura 10).

Fig. 10 – Cereja fendilhada (Fundão - Cova da Beira).





Os pomares de amêndoa existentes principalmente na Cova da Beira, apresentam um bom aspeto vegetativo e bom desenvolvimento do fruto. Estima-se uma produtividade média acima da média do ano anterior.

Na Campina e Campo Albicastrense, as cerejeiras tiveram uma taxa de vingamento do fruto superior ao ano anterior, pelo que se antevia boa produção no geral das variedades, mas na sequência da chuva do mês, as variedades precoces foram algo prejudicadas perdendo-se certa quantidade de produção, contudo as variedades de estação e as tardias apresentam quantidade normal de cereja. O pêssego e a nectarina têm os frutos em desenvolvimento perspetivando-se produção acima da do ano anterior. Na amêndoa também há indícios de produção superior ao ano anterior.

• Olival

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os olivais já se encontram na fase de floração, e pequenos frutos já surgiram, em condições de humidade no solo muito favoráveis, perspetivando um ano de boa produção em relação ao último ano.

No Baixo Mondego, as oliveiras encontram-se no estado fenológico F - plena floração, apresentando abundante floração.

No Pinhal Litoral, o olival está com bom desenvolvimento e com os frutos em tamanho de grão de pimenta.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o olival encontra-se no estado fenológico de fruto em crescimento. Verificam-se em geral bons vingamentos, deixando a perspetiva de boa produção.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os olivais encontram-se no estado fenológico FII - plena floração. Floração abundante. Condições climatéricas favoráveis a um bom vingamento do fruto. Na região do Alto Mondego, além de uma área significativa ardida em 2025 no concelho de Seia, observam-se muitas oliveiras sem poda ou curas nos concelhos de Fornos e de Gouveia, o que independentemente da frutificação, trará para esta região homogênea um decréscimo de produtividade.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os olivais, apresentam, no geral, bom estado vegetativo e condições favoráveis à floração, com ligeira diferença entre o Baixo Dão-Lafões, onde a floração se encontra ligeiramente mais avançada, por serem zonas mais quentes, enquanto no Alto

Dão-Lafões a floração encontra-se mais atrasada, devido às temperaturas mais baixas. Os agricultores prevêem uma campanha igual ou ligeiramente superior ao ano anterior, embora com o ataque de doença, nomeadamente, olho-de-pavão. Para a campanha deste ano, as previsões, em geral, são de um ligeiro aumento em produção, quanto à qualidade e produtividade prevê-se alguma irregularidade, nos locais afetados pela instabilidade atmosférica durante o mês de maio.

No Pinhal Sul, o olival está em plena floração, se não houver problemas com a alimpa poderá ser um bom ano para esta cultura.

Nas **zonas do interior**, quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, nos olivais a norte da Serra da Estrela a floração decorreu normalmente com razoável vingamento. O calor dos últimos dias e o vento forte, têm provocado a queda de algum fruto. Os olivais situados na Cova da Beira a floração coincidiu em parte com os dias de maior pluviosidade. O calor excessivo e a falta de humidade dos últimos dias, tem originado alguma queda de fruto. No entanto, prevê-se um ano com produtividade normal (figura 11).



Fig. 11 - Oliveira em floração (Celorico da Beira - Serra da Estrela).

Na Campina e Campo Albicastrense, o olival está no fim da alimpa e já tem os frutos formados (figura 12). A floração foi intensa e com bom vingamento.



Fig. 12 - Olival com frutos formados.

- **Vinha**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, as vinhas estão a entrar gradualmente na fase de pré-floração, não havendo atrasos vegetativos significativos. Os solos ainda mantêm a humidade necessária à planta e não são observados problemas fitossanitários relevantes.

No Baixo Mondego, as videiras encontram-se no estado fenológico I - floração.

No Pinhal Litoral, a vinha está com bom desenvolvimento vegetativo, no estado de bago de chumbo a passar para o estado seguinte de bago de ervilha.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, a vinha encontra-se no estado fenológico H - botões florais separados.

No Pinhal, a vinha encontra-se no estado fenológico da alimpa ou mesmo do bago de chumbo. Boa carga, ainda que a nível fitossanitário, esteja a ser uma campanha exigente, com presença de mildio e black-rot, situação que afetará a qualidade e quantidade de fruto.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as vinhas, encontravam-se maioritariamente entre as fases de desenvolvimento vegetativo ativo, pré-floração e início da floração, embora com diferenças consoante os locais e as castas. Contudo, a elevada humidade aumentou o risco de doenças, particularmente mildio, oídio e podridão-negra.

No Pinhal Sul, a vinha encontra-se na fase compreendida entre a floração e a alimpa, apresentando boas perspetivas de produção (figura 13 e 14).



Fig. 13 - Videira em flor (Pião).



Fig. 14 - Videira na fase da alimpa (Pião).

Nas **zonas do interior**, quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, as vinhas apresentam bom aspeto vegetativo, estando na fase de desenvolvimento dos cachos em ambas as zonas homogéneas.

Na Campina e Campo Alcastrense, no geral, a vinha apresenta bom estado vegetativo; nos estados fenológicos "botões florais separados" nas mais atrasadas, e entre a "alimpa" e "bago de ervilha" nas

mais adiantadas, respetivamente, a norte e a sul da zona homogénea (figuras 15 e 16). Em ambas as situações há indícios de produção normal e superior ao ano anterior.



Fig. 15 - Vinha no estado fenológico Botões Florais Separados, a norte da zona homogénea.



Fig. 16 - Vinha entre o estado fenológico da Alimpa e Bago de Ervilha a sul da zona homogénea.

6-b – Sementeira de Primavera nomeadamente quanto às culturas de batata de regadio, milho, arroz, grão-de-bico, feijão, tomate (para indústria) e girassol: como decorreram; como germinaram; variação das áreas semeadas ou plantadas relativamente ao ano anterior; motivos de variação, caso se tenha verificado.

No Baixo Mondego (**zona do litoral**) cerca de 50 ha afetados pela acumulação de areias aquando do rebentamento do dique e canal de rega em março, destinados à produção de cereais de primavera-verão, hortícolas e viveiros, ainda não estão recuperados provocando uma simbólica redução na área semeada.

- **Arroz**

Nas **zonas do litoral**, na zona homogénea do Baixo Vouga, apenas no vale do Cértima e Perrães, a sementeira do arroz ainda não está terminada, não se prevendo alterações nas áreas, no entanto, surgiram alguns ataques de milhã em situações pontuais obrigando a uma segunda sementeira. Nas zonas mais húmidas, devido à já referida instabilidade climática ocorrida, o excesso de água no solo levou a atrasos nas operações de preparação e sementeira.

No Baixo Mondego, apenas faltam concluir pequenas áreas. As culturas anteriormente semeadas apresentam uma germinação uniforme e um desenvolvimento vegetativo normal.

No Pinhal Litoral, a área instalada é semelhante à do ano anterior e apresenta um bom desenvolvimento vegetativo, encontrando-se na fase das mondas.

• Batata

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, as primeiras sementeiras de batata já germinaram, nas variedades de batata de regadio (conservação), usada em maior escala, prevendo-se uma produção idêntica ao último ano, não havendo variação da área semeada relativamente ao último ano.

No Baixo Mondego, a batata de regadio está com boa germinação e apresenta bom desenvolvimento vegetativo. As áreas semeadas são idênticas ao ano passado.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, apesar de no início da primavera os solos estarem ainda muito encharcados, o vento seco e quente ocorrido a partir da segunda quinzena de março permitiu que os solos secassem o suficiente para a mobilização do solo e as sementeiras, tendo-se apenas verificado uma ligeira diminuição de sementeira de batata de regadio, com semente comprada.

No Alto Dão-Lafões e Baixo Dão-Lafões, as sementeiras de primavera decorreram de forma condicionada pelo estado do tempo. A sementeira da batata teve atraso, devido às condições climáticas ocorridas nos meses anteriores, impossibilitando a mobilização dos solos e as terras preparadas estavam com excesso de água. Verificou-se boa germinação e desenvolvimento, no entanto, a humidade persistente aumentou o risco de problemas fitossanitários, particularmente doenças fúngicas como míldio. Em relação à área semeada manteve-se idêntica ao ano anterior em ambas as zonas homogêneas.

No Pinhal Sul, a batata de regadio encontra-se em floração e apresenta bom aspeto vegetativo (figura 17). As áreas cultivadas são semelhantes às do ano anterior.



Fig. 17 - Batata -Pião.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, a batata de regadio está em desenvolvimento, com bom aspeto vegetativo.

Nas zonas homogéneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, a batata de regadio, já se encontra plantada (figura 18), apresentando bom desenvolvimento. Regista-se uma redução da área de cerca de 20% na Cova da Beira.



Fig. 18 – Campo de batata para indústria (Celorico da Beira – Serra Estrela).

Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, as sementeiras de primavera decorreram um pouco atrasadas devido ao tempo verificado, mas agora estão praticamente terminadas, prevendo-se que a área semeada seja idêntica ao ano anterior. As culturas semeadas mais cedo, apresentam um bom estado vegetativo.

- **Feijão, grão-de-bico, outras**

Nas **zonas de transição**, quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, o feijão e grão foram semeados sem dificuldades e germinaram bem; e mantiveram as áreas.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, as sementeiras de primavera decorreram de forma condicionada pelo estado do tempo. A sementeira do feijão e do grão-de-bico tem baixa representatividade, sendo maioritariamente uma cultura de subsistência e autoconsumo. A humidade do solo promoveu condições favoráveis à germinação, contudo o encharcamento em determinadas zonas originou limitações não só na germinação como no desenvolvimento. A área mantém-se relativamente estável, com tendência a diminuir, associada ao facto de se tratar de uma cultura maioritariamente destinada ao autoconsumo, praticada sobretudo por agricultores de idade avançada, sendo ainda frequentemente afetada, em diversas zonas, por ataques de javalis.

No Pinhal Sul, o feijão e o grão germinaram bem e têm bom crescimento (figuras 19 e 20). Estas culturas, são apenas cultivadas nas hortas familiares; porém em relação à área é semelhante a 2025 no caso do feijão, e inferior no grão-de-bico.



Fig. 19 -Feijão (Pião).



Fig. 20 - Grão de bico (Pião).

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, o grão-de-bico acompanhado apresenta fraco desenvolvimento o que irá comprometer a produtividade, mantendo-se a área. No feijão, sobretudo feijão-frade e com vista à sua sementeira, procede-se à mobilização dos solos que se encontram em boas condições para a lavoura.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, ultimam-se as preparações de terra para as sementeiras do feijão-frade e noutras terras já se encontra semeado.

Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, as sementeiras de primavera decorreram um pouco atrasadas devido ao tempo verificado, mas agora estão praticamente terminadas, prevendo-se que a área semeada seja idêntica ao ano anterior. As culturas semeadas mais cedo, apresentam um bom estado vegetativo.

• Milho

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, as áreas de cultivo são semelhantes às da campanha anterior, com os solos de mais fácil drenagem a serem já mobilizados e semeados, utilizando para o efeito variedades de ciclos médios e longos. Nos solos mais baixos e com menor poder de drenagem, as sementeiras estão mais atrasadas estimando-se uma produção mais tardia e as variedades utilizadas deverão ser de ciclo mais curto.

No Baixo Mondego, apenas faltam concluir pequenas áreas de milho. As culturas anteriormente semeadas, apresentam uma germinação uniforme e um desenvolvimento vegetativo normal.

No Pinhal Litoral, a área instalada é semelhante à do ano anterior e apresenta um bom desenvolvimento vegetativo. No final do mês, o milho encontrava-se maioritariamente na fase de joelheiro.

Nas **zonas de transição**, nas zonas homogêneas do Alto Mondego e da Beira Serra, o milho está agora em início de sementeira, no entanto, há indicação de que aumentou a quantidade de semente regional comprada na Beira Serra, pelo que se espera um ligeiro aumento de área.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, as sementeiras de primavera decorreram de forma condicionada pelas condições meteorológicas. A sementeira do milho, decorreu dentro da normalidade, apresentando, no geral, boa germinação, embora, com diferença em relação às zonas do Alto e Baixo Dão Lafões. Nas zonas do Alto Dão-Lafões, as temperaturas mais baixas provocaram

germinação mais lenta e desenvolvimento menos vigoroso. As condições, nomeadamente a humidade do solo, são favoráveis ao aumento de produção. A estimativa da área de ocupação de solo é semelhante, relativamente à verificada no ano anterior.

No Pinhal Sul, a maioria da cultura do milho destina-se à produção de milhozadas, cuja realização vai sendo efetuada de forma faseada (figura 21).



Fig. 21 - Milhozadas (Pião).

O milho grão germinou bem (figura 22).



Fig. 22 - Milho grão (Sertã).

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, as sementeiras do milho estão a decorrer, mas há diminuição de cerca de 60% da área de milho híbrido de regadio. A cultura é cada vez menos atrativa devido ao baixo preço de venda e à constante subida dos fatores de produção, que impedem a viabilização económica da cultura.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, a pluviosidade ocorrida este mês, veio permitir uma melhor preparação das terras destinadas às sementeiras de primavera que já se encontravam secas. O milho híbrido de regadio também já se encontra semeado, assim como as milharadas de sequeiro (figura 23).



Fig. 23 – Milho Híbrido (Celorico da Beira - Serra da Estrela).

Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, as sementeiras de primavera decorreram um pouco atrasadas devido ao tempo verificado, mas agora estão praticamente terminadas, prevendo-se que a área semeada seja idêntica ao ano anterior. As culturas semeadas mais cedo, apresentam um bom estado vegetativo.

- **Tomate para indústria**

Nas **zonas do litoral**, e na única zona homogénea produtora - Pinhal Litoral, verificou-se este ano um aumento da área cultivada, voltou-se à área plantada de 2024, tendo sido instalados 31 hectares durante o mês de maio. No final do mês, esta cultura encontrava-se predominantemente na fase de floração, apresentando um desenvolvimento vegetativo considerado normal para a época. Durante o mês de maio foram ainda plantados 9 ha de pimento para a indústria, no aproveitamento Hidroagrícola do Vale do Lis.

9-b – Estado vegetativo das culturas de batata de sequeiro.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a plantação da cultura da batata na região atrasou, não tendo sido feita dentro do “período normal”, uma vez que as condições meteorológicas caracterizadas por chuvas frequentes no inverno e primavera, impediram as mobilizações dos solos, face à água acumulada e ao excesso de humidade. A partir de março o clima permitiu o início da plantação, encontrando-se na sua maioria na fase de floração avançada, com bom desenvolvimento, boa distribuição e crescimento uniforme, tendo dado início, as primeiras colheitas e venda da batata primor nos mercados regionais.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, a cultura de batata de sequeiro encontra-se com bom desenvolvimento vegetativo e em plena floração. Ocorreu uma pequena diminuição da área em relação ao ano passado.

No Pinhal Litoral, a batata de sequeiro encontra-se no início da colheita.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura encontra-se numa fase adiantada e há perspetiva de boa produção, pela humidade que os solos vêm apresentando desde o início da campanha.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, a batata de sequeiro (é maioritariamente de segundo ano) encontra-se colhida e algumas variedades tiveram problemas sanitários (nomeadamente: sarna e alfinete), sendo a produtividade idêntica à do ano passado.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as condições atmosféricas atrasaram a sementeira. As batatas de sequeiro apresentaram, no geral, bom desenvolvimento, uniforme e com boa densidade, prevendo-se boa produção. Contudo, e essencialmente, a humidade favoreceu o principal problema fitossanitário desta cultura, o míldio, sendo os danos causados por este fungo significativos. A área da sementeira da batata de sequeiro foi idêntica ao ano anterior, em ambas as regiões. Em relação à produtividade, prevê-se uma campanha semelhante ao ano anterior.

No Pinhal Sul, alguma batata de sequeiro já foi colhida e teve boa produção.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, esta cultura apresenta um bom estado vegetativo.

Quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, a pouca batata de sequeiro que ainda se cultiva, viu o seu desenvolvimento comprometido com a escassez de pluviosidade verificada. No entanto, a água disponibilizada pela chuva, veio ainda permitir algum engrossamento dos tubérculos.

Na Campina e Campo Albicastrense, a batata de sequeiro já começou a ser colhida e apesar do atraso das plantações a produção é boa, superior ao ano anterior em certos casos.

Castelo Branco, 08 de junho de 2026

ANEXO I

Zonas Homogéneas	Concelho	Local	Precipitação acumulada (mm)	N.º de dias com precipitaç	Temperaturas Médias (°C)			
			01 a 30/04	01 a 30/04	Máx.	Min.	Média	
ZONAS DO LITORAL	Baixo Vouga	Agueda	Agueira	0,1	1	23,5	7,6	15,2
		Anadia	Arcos	14,6	6	23,6	9,5	15,9
			Pedralvites	-	-	-	-	-
	Baixo Mondego	Cantanhede	Poço Lobo	24,6	14	22,5	8,6	14,8
		Soure	Moínho de Almoxarife	23,2	5	23,5	9,3	15,0
		Coimbra	Cooperativa Agrícola de Coimbra	20,6	7	26,5	10,1	16,3
		Montemor-o-Velho	Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho	-	-	-	-	-
		Coimbra	Instituto Politécnico de Coimbra	27,1	6	25,7	9,9	15,8
	Pinhal Litoral	Batalha	Branças	22,8	6	23,5	8,7	15,5
		Leiria	Azóia	122,0	13	22,2	10,3	15,3
		Porto de Mós	Casal do Alho	-	-	-	-	-
		Pombal	Abiul	32,4	6	24,3	9,4	16,0
Leiria		Regueira de Pontes	22,2	4	24,5	9,2	15,9	
ZONAS DE TRANSIÇÃO	Pinhal	Lousã	Quinta do Conde	45,2	9	29,7	6,5	16,8
		Miranda do Corvo	Cerdeira	-	-	-	-	-
		Ansião	Freixo	46,4	7	23,8	8,6	15,5
	Beira Serra	Nelas	C. E. Vitivinícolas	-	-	-	-	-
	Alto Dão-Lafões	Viseu	Estação Agrária	66,0	10	23,2	8,0	15,2
	Baixo Dão-	Tondela	Quinta das Tílias	19,0	10	25,7	9,6	16,8
	Alto Mondego	Gouveia	Nabais	52,0	8	23,8	8,2	15,6
	Pinhal Sul	Sertão	Cernache	53,6	8	23,1	7,4	15,3
		Proença-a-Nova	Chão-do-Galego	27,0	7	24,1	10,9	17,2
		Oleiros	Oleiros	34,0	9	21,3	8,2	14,5
ZONAS DO INTERIOR	Riba Côa	Mêda	Longroiva	21,4	7	25,2	8,1	16,3
		Pinhel	Pinhel	35,2	5	22,4	5,2	13,8
		Trancoso	Trancoso	49,0	6	20,8	7,8	13,7
	Serra da Estrela	Celorico da Beira	Carvalheda	59,2	7	22,8	6,4	14,4
		Guarda	Relvas	43,4	9	23,2	7,5	15,2
	Cimo Côa	Sabugal	Martim Rei	62,4	11	19,8	5,2	12,5
		Almeida	Almeida	75,2	10	20,7	7,6	14,2
	Cova da Beira	Belmonte	Belmonte	59,2	8	23,2	5,9	14,3
		Covilhã	Lamaçais	68,2	8	23,5	6,3	14,9
		Fundão	Brejo	42,6	7	23,0	7,9	15,5
			Alcongosta	36,0	7	20,9	9,2	14,8
	Campina e Campo	Fadagosa	49,6	6	23,8	9,3	16,5	
		Idanha-a-Nova	Várzea	52,0	8	26,1	7,0	16,5
Penamacor		Assoc. B. Cova Beira	16,6	6	22,5	6,3	14,4	

Fonte: EMMA.P. - R.G.A. - R.U.M.P.

*REGIEM

** de 01/04 a 29/04

ANEXO II

DISPONIBILIDADE DE ÁGUA NAS ALBUFEIRAS DOS APROVEITAMENTOS HIDROGRÁFICAS																
30/04/2026																
Concelho	Albufeira	Cota (NPA)	Vol. total (NPA) - hm3	Vol. morto - hm3	Vol. útil - hm3	Armazenamento total				Armazenamento útil		Descargas nos últimos 7 dias				
						Cota actual	Actual (hm3)	Última leitura (hm3)	Varição (hm3)	% ao NPA	Vol. útil armazen. - hm3	%	Descarregador de Cheias	Descarga de fundo	Caudal ecológico	
Anadia	Porcão	104,00	0,102	0,004	0,098	104,02	0,102	0,102	0,000	↑	100,0%	0,098	100,0%	sim	não	n.a.
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,134	0,000	0,134	353,51	0,134	0,134	0,000	↔	100,0%	0,134	100,0%	sim	não	n.a.
Figueira de Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,200	0,050	2,150	684,78	2,186	2,200	-0,014	↓	99,4%	2,136	99,4%	não	não	não
Mortágua	Macieira	143,63	0,946	0,026	0,920	143,64	0,946	0,946	0,000	↔	100,0%	0,920	100,0%	sim	não	sim
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,120	0,005	0,116	481,47	0,101	0,103	-0,001	↓	84,4%	0,097	84,4%	não	não	n.a.
Pinhel/Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,867	0,183	4,684	576,98	4,854	4,867	-0,013	↓	99,7%	4,671	99,7%	não	não	sim
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,854	0,204	0,650	801,04	0,854	0,854	0,000	↔	100,0%	0,650	100,0%	sim	não	não
Vila Velha de Ródão	Açafal	112,60	1,746	0,000	1,746	112,56	1,738	1,744	-0,006	↓	99,5%	1,738	99,5%	não	não	não
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujaís	131,00	3,891	0,591	3,300	130,88	3,841	3,854	-0,013	↓	98,7%	3,250	98,7%	não	não	não
Viseu	Calde	547,20	0,589	0,033	0,556	547,22	0,589	0,589	0,000	↔	100,0%	0,556	100,0%	sim	não	n.a.
			15,449	1,095	14,354		15,345	15,393			98,2%	14,250	99,3%			

OBSERVAÇÕES/OUTROS:

n. a. (não aplicável) - barragens sem válvula de descarga do caudal ecológico

Calde e Coutada, por exemplo, garantem os caudais ecológicos com outras origens de água que afluem à zona imediatamente a jusante das barragens.

CC DR **CENTRO** . I.P.

WWW.CCDRC.PT

